

MASCULINIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES SOBRE GÊNERO, CUIDADO E DESENVOLVIMENTO NA PRÁTICA DOCENTE NO CRATO – CE

Ranielton Dantas de Araújo ¹
Marcelo Ribeiro da Silva ²

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar a atuação de professores homens na Educação Infantil no município do Crato – CE, à luz das discussões de gênero e das especificidades dessa etapa do desenvolvimento infantil. A pesquisa parte da compreensão de que a presença masculina na docência da primeira infância, embora ainda minoritária, tensiona representações hegemônicas de cuidado, afeto e autoridade, ao mesmo tempo em que desafia os projetos político-pedagógicos (PPPs) a incorporarem perspectivas mais plurais e equitativas. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, com base na análise de documentos oficiais da rede municipal de ensino, registros em diários de bordo produzidos por docentes e respostas a questionários aplicados junto a professores atuantes nas turmas do Infantil IV e V. Os dados evidenciam que a inserção de homens na docência da Educação Infantil pode ampliar as possibilidades de interação e desenvolvimento integral das crianças, contribuindo para práticas mais dialógicas e sensíveis às múltiplas dimensões do ser infantil: linguagem, cognição, corpo e relações sociais. O referencial teórico fundamenta-se em Louro (1997), Foucault (1988) e Kuhlmann Jr. (2010), ampliado por Connell (2009) e Butler (2003), que discutem construções sociais de gênero, masculinidades e a performatividade do gênero, além de estudos recentes (Ribeiro, 2020; Silva, 2022) sobre formação docente crítica e práticas inclusivas na Educação Infantil. Conclui-se que, quando respaldada por formação crítica e políticas públicas comprometidas com a equidade, a atuação de docentes homens pode colaborar com o fortalecimento de uma Educação Infantil mais justa, inclusiva e promotora de subjetividades diversas, contribuindo com o enfrentamento de estereótipos e com a construção de vínculos educativos mais democráticos e transformadores.

Palavras-chave: Educação Infantil, Relações de Gênero, Masculinidades.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a educação brasileira tem enfrentado desafios complexos relacionados às demandas sociais, culturais e tecnológicas que atravessam as práticas escolares. A docência na Educação Infantil constitui um espaço privilegiado para compreender as relações entre gênero, cuidado e formação humana. Historicamente, o

¹ Professor especialista da da Secretaria Municipal de Educação de Crato -CE, dantas.ranielton@gmail.com

² Professor Especialista da Secretaria Municipal de Educação de Juazeiro do Norte - CE, mr4430989@gmail.com



trabalho com crianças pequenas foi socialmente associado ao feminino, sustentado por representações que vinculam o cuidado, a afetividade e a sensibilidade à figura da mulher. A presença de professores homens nesse campo, ainda que minoritária, provoca deslocamentos simbólicos e pedagógicos importantes, desafiando concepções naturalizadas sobre masculinidade e contribuindo para a ampliação de perspectivas formativas mais plurais e inclusivas. À luz das discussões propostas por Louro (1997), Foucault (1988), Butler (2003) e Connell (2009), compreende-se que as práticas docentes são atravessadas por discursos de gênero que influenciam modos de ser, ensinar e se relacionar no cotidiano escolar.

Este relato de experiência tem como objetivo analisar a atuação de um professor homem na Educação Infantil, com foco nas turmas do Infantil V de uma escola pública do município do Crato – CE. A experiência reflete práticas pedagógicas cotidianas desenvolvidas com crianças de cinco anos, em diálogo com os princípios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e com os Projetos Político-Pedagógicos (PPPs) da rede municipal. A abordagem metodológica é qualitativa e descritiva, baseada em observações e registros reflexivos produzidos ao longo do trabalho docente, possibilitando compreender as potencialidades e desafios que emergem na prática educativa.

As reflexões apresentadas apontam que a presença masculina na Educação Infantil pode favorecer novas formas de cuidado e interação, ampliando o repertório afetivo e social das crianças e contribuindo para o fortalecimento de vínculos mais democráticos e respeitosos. Observa-se, ainda, que a experiência docente masculina, quando comprometida com o diálogo e a escuta sensível, auxilia na desconstrução de estereótipos de gênero e na valorização das diferenças como elemento constitutivo da aprendizagem. Dessa forma, este estudo reafirma a importância de reconhecer e legitimar a docência masculina como parte essencial da construção de uma Educação Infantil equitativa, inclusiva e transformadora.

METODOLOGIA

Este artigo configura-se como um relato de experiência desenvolvido a partir da prática docente vivenciada pelo autor nas turmas do Infantil V de uma escola pública municipal situada no município do Crato – CE. O relato tem como propósito refletir sobre a atuação de um professor homem na Educação Infantil, evidenciando os desafios, as



descobertas e as aprendizagens construídas no cotidiano pedagógico junto às crianças de cinco anos de idade. Optou-se por esta abordagem por reconhecer que as experiências vividas no contexto escolar constituem importantes fontes de produção de conhecimento, especialmente quando analisadas de forma crítica e dialogadas com referenciais teóricos que tratam de gênero, docência e formação humana.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e descritiva, voltada à compreensão das práticas pedagógicas em seu contexto real, sem a intenção de generalizar resultados, mas de ampliar a reflexão sobre situações concretas da sala de aula. Os caminhos metodológicos compreenderam a observação cotidiana das interações entre professor e crianças, o registro de experiências significativas em diários reflexivos, bem como a análise de documentos pedagógicos da escola, como o Projeto Político-Pedagógico (PPP) e os planos de aula elaborados durante o período observado. Esses registros foram revisitados de forma sistemática, buscando identificar sentidos, desafios e aprendizagens relacionados às práticas de cuidado, linguagem, corpo e relações de gênero.

Não houve utilização de imagens, gravações ou outros materiais que envolvessem a exposição de dados pessoais ou identidades das crianças e colegas de trabalho. Todas as informações foram tratadas de forma ética e responsável, preservando o anonimato da instituição e dos sujeitos envolvidos. Assim, por se tratar de uma reflexão produzida a partir da própria experiência docente e sem coleta direta de dados pessoais, não foi necessária submissão a comitê de ética ou órgão equivalente.

Dessa forma, a metodologia adotada possibilitou compreender como as práticas pedagógicas cotidianas podem revelar dimensões mais amplas das relações de gênero e da construção de identidades docentes na Educação Infantil, articulando teoria e prática em um movimento contínuo de reflexão sobre o fazer educativo.

REFERENCIAL TEÓRICO

A presença masculina na Educação Infantil convida a refletir sobre as construções sociais de gênero e sobre as formas pelas quais os discursos moldam as identidades docentes. Historicamente, o magistério, especialmente nas etapas iniciais da educação básica, foi associado a uma dimensão feminina do cuidado, do afeto e da doação, o que resultou em uma divisão simbólica do trabalho educativo. Para Louro (1997), a docência é um espaço de produção e reprodução de identidades de gênero, onde se expressam valores e expectativas sociais. Assim, a predominância feminina na Educação Infantil não



é apenas resultado de escolhas individuais, mas de uma estrutura cultural que naturaliza o feminino como o lugar do cuidado e o masculino como o lugar da autoridade e da racionalidade.

Essa compreensão é reforçada pelas análises de Foucault (1988), que problematiza como o poder circula nas instituições e produz subjetividades. O autor explica que as normas sociais não apenas regulam comportamentos, mas também constituem os sujeitos. Nesse sentido, o gênero opera como uma tecnologia social que define e limita as possibilidades de ser e agir, inclusive no campo educacional. Quando um homem assume a docência na primeira infância, ele desafia essas normas e se coloca em um território de tensão, pois sua presença desestabiliza representações tradicionais sobre o masculino. Essa desnaturalização é fundamental para a construção de uma pedagogia mais crítica e plural, na qual as diferenças possam ser reconhecidas e valorizadas como parte constitutiva da experiência educativa.

A teoria da performatividade de gênero, proposta por Butler (2003), contribui para compreender esse processo. A autora argumenta que o gênero não é uma essência, mas um conjunto de práticas reiteradas que produzem a aparência de uma identidade estável. Assim, ser “homem” ou “mulher” na docência não é uma condição fixa, mas uma performance continuamente negociada nas interações sociais e pedagógicas. No contexto da Educação Infantil, essa perspectiva ajuda a perceber que a atuação do professor homem pode assumir múltiplos sentidos: ele tanto pode reproduzir modelos tradicionais de masculinidade quanto construir práticas mais afetivas, cuidadoras e democráticas. A performatividade, portanto, abre espaço para a reinvenção dos papéis de gênero dentro da escola.

Connell (2009), ao discutir as masculinidades, reforça que o masculino também é plural e relacional. O autor propõe o conceito de “masculinidades hegemônicas”, que se impõem como modelo dominante em detrimento de outras formas de ser homem. A docência na Educação Infantil pode representar um lugar de resistência a esse modelo, já que os professores que atuam com crianças pequenas frequentemente desenvolvem práticas pautadas em empatia, escuta e cooperação — características socialmente atribuídas ao feminino, mas que, quando vividas pelos homens, revelam a possibilidade de novas masculinidades pedagógicas. Tais práticas contribuem para o rompimento de estigmas e para o fortalecimento de uma cultura escolar mais justa e inclusiva.

No campo da Educação Infantil, Kuhlmann Jr. (2010) destaca que essa etapa constitui um espaço essencial para o desenvolvimento integral da criança, envolvendo



dimensões cognitivas, afetivas, sociais e corporais. O autor argumenta que o cuidado e a educação devem ser compreendidos como dimensões indissociáveis, e que o professor precisa reconhecer o brincar, o diálogo e a afetividade como elementos estruturantes da aprendizagem. Ao assumir esse papel, o docente homem amplia seu repertório pedagógico e desafia as fronteiras entre o cuidar e o educar, incorporando novas formas de se relacionar com as crianças e com a própria identidade profissional.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010) e a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) também reforçam a importância de práticas pedagógicas que respeitem a diversidade e promovam a equidade de gênero. Esses documentos apontam que a escola deve ser um espaço de construção de identidades e de combate a todas as formas de discriminação. Nesse sentido, a presença de professores homens na Educação Infantil pode contribuir para que meninos e meninas convivam com modelos diversos de afeto, cuidado e autoridade, desconstruindo estereótipos e ampliando as possibilidades de socialização.

Ribeiro (2020) acrescenta que a formação docente crítica precisa incluir a discussão sobre gênero, masculinidades e diversidade, de modo que os educadores possam reconhecer seus próprios lugares de fala e repensar práticas excludentes naturalizadas na escola. Para a autora, refletir sobre a própria identidade é condição fundamental para promover uma educação emancipadora. Já Silva (2022) ressalta que práticas pedagógicas inclusivas devem considerar não apenas as diferenças entre as crianças, mas também as diferenças entre os próprios docentes, valorizando múltiplas formas de ser e ensinar. Essa perspectiva dialoga com as experiências relatadas por professores homens que, ao atuarem na Educação Infantil, constroem um modo singular de estar com as crianças, mediando aprendizagens por meio da sensibilidade e da presença afetiva.

Dessa forma, o referencial teórico aqui apresentado sustenta a compreensão de que a docência é um campo em disputa, atravessado por relações de gênero, poder e cultura. A presença masculina na Educação Infantil não deve ser vista como exceção ou curiosidade, mas como uma oportunidade para repensar os sentidos do cuidado, da afetividade e da autoridade pedagógica. Ao dialogar com as teorias de gênero e com os estudos sobre masculinidades, o trabalho docente se torna um espaço potente de transformação, onde o ensinar e o cuidar se fundem em uma prática educativa que valoriza a diferença, a empatia e o respeito mútuo.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

As experiências desenvolvidas nas turmas do Infantil V evidenciaram que a presença de um professor homem na Educação Infantil ainda desperta curiosidade, questionamentos e, por vezes, resistência por parte de famílias e colegas de trabalho. Esse cenário reflete o peso das representações sociais historicamente construídas sobre o papel de gênero no magistério. Tal como discutem Louro (1997) e Butler (2003), o campo educacional reproduz normas de gênero que definem lugares possíveis para homens e mulheres, delimitando o que se considera apropriado ou natural em suas práticas. Nesse contexto, o professor homem é constantemente interpelado a justificar sua presença, o que demonstra o quanto a docência com crianças pequenas ainda é percebida como uma função feminina.

Durante o desenvolvimento das atividades pedagógicas, observou-se que as crianças demonstram naturalidade e abertura diante da presença masculina, estabelecendo vínculos afetivos pautados na confiança e na ludicidade. As reações mais tensas costumam partir de adultos, que associam o cuidado infantil à figura materna. Essa constatação confirma o que Connell (2009) denomina de tensão entre as masculinidades hegemônicas e as masculinidades emergentes. No ambiente escolar, o professor homem que se envolve com o afeto, o brincar e a escuta sensível desafia a ideia de que masculinidade está associada à autoridade rígida ou ao distanciamento emocional. O cotidiano da Educação Infantil, ao exigir gestos de acolhimento, empatia e ternura, torna-se um campo fértil para a resignificação do ser homem e do ser docente.

A observação das interações em sala de aula revelou que a presença masculina pode ampliar o repertório de experiências das crianças, favorecendo a quebra de estereótipos e a construção de novas referências de cuidado e convivência. Quando as meninas e os meninos convivem com um educador homem que expressa afeto e escuta, percebem que o cuidado não é uma tarefa exclusivamente feminina, mas uma responsabilidade humana e coletiva. Essa experiência prática dialoga com os princípios das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010) e da BNCC (2017), que orientam para a valorização da diversidade e da igualdade de gênero como dimensões formativas. Ao vivenciar um cotidiano pedagógico mediado por diferentes expressões de afeto, as crianças aprendem a reconhecer a pluralidade de modos de ser e conviver.

O trabalho docente no Infantil V também evidenciou que as práticas pedagógicas ganham potência quando se apoiam na escuta das crianças e na observação atenta de suas



curiosidades e afetos. A construção de um ambiente democrático, no qual meninos e meninas participam das decisões, opinam e negociam regras, mostrou-se um caminho para fortalecer a autonomia e o respeito mútuo. Essa prática vai ao encontro das reflexões de Kuhlmann Jr. (2010), que entende a Educação Infantil como um espaço de formação integral e de produção de culturas infantis. Ao integrar o brincar, o diálogo e o movimento corporal como eixos do trabalho pedagógico, o professor cria condições para que as crianças se expressem em múltiplas linguagens e experimentem novas formas de sociabilidade.

Outra dimensão importante observada na experiência docente diz respeito à convivência com a equipe escolar. Embora exista acolhimento, é perceptível que ainda persistem olhares de estranhamento ou de vigilância quanto às formas de contato físico e emocional do professor com as crianças. Essa vigilância reforça a necessidade de formações continuadas que abordem gênero e diversidade de forma crítica, conforme defendem Ribeiro (2020) e Silva (2022). Os autores destacam que a ausência de espaços de diálogo sobre masculinidades e docência tende a reproduzir preconceitos e silenciamentos, dificultando a construção de ambientes de trabalho mais empáticos e colaborativos. Assim, é fundamental que as políticas de formação docente incentivem reflexões sobre as masculinidades e os papéis de gênero na escola, contribuindo para práticas pedagógicas mais sensíveis às diferenças.

No desenvolvimento das atividades pedagógicas, notou-se que a afetividade é uma ponte fundamental entre o professor e as crianças. As rodas de conversa, as contações de histórias e as brincadeiras mediadas revelaram-se momentos potentes de aprendizagem, nos quais o vínculo afetivo se converte em base para o desenvolvimento da linguagem, da imaginação e da autonomia. Tais práticas mostram que o cuidado, longe de ser um atributo natural do feminino, é uma competência pedagógica que pode e deve ser exercida por todos os educadores. Quando o professor homem assume o cuidado como parte integrante do ato educativo, ele contribui para a desconstrução simbólica da separação entre razão e emoção, conhecimento e afeto, historicamente reproduzida pela cultura patriarcal.

Os resultados também indicam que a docência masculina na Educação Infantil amplia a visibilidade de outras formas de masculinidade. Ao contrário da lógica hegemônica baseada na força e no domínio, emergem masculinidades pautadas na sensibilidade, no diálogo e na corresponsabilidade. Essa vivência se aproxima da ideia de performatividade de gênero de Butler (2003), na medida em que o professor, por meio de



suas práticas, subverte normas e cria novas possibilidades de expressão. Ao acolher as emoções das crianças, participar de brincadeiras e se envolver com as demandas afetivas do grupo, o docente homem transforma sua própria experiência de masculinidade, tornando-se também aprendiz de si e do outro.

Portanto, os resultados e discussões aqui apresentados evidenciam que a presença de professores homens na Educação Infantil, quando sustentada por uma postura ética, reflexiva e crítica, contribui para a construção de práticas pedagógicas mais democráticas e humanizadoras. Essa presença não deve ser entendida como uma substituição ou contraposição às práticas femininas, mas como uma ampliação das possibilidades de ser e ensinar. Ao tensionar as fronteiras entre cuidado, afeto e autoridade, o professor homem ajuda a promover uma escola que reconhece as diferenças como potência e não como ameaça. Dessa forma, a experiência relatada reforça o papel transformador da docência e sua capacidade de produzir sentidos outros para o gênero, a infância e a própria educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões apresentadas ao longo deste trabalho permitiram compreender que a docência masculina na Educação Infantil constitui um espaço de resistência, aprendizado e reconstrução identitária. A partir do relato das práticas desenvolvidas nas turmas do Infantil V, foi possível evidenciar que o exercício docente, quando comprometido com a escuta, o cuidado e o diálogo, contribui para a desconstrução de estereótipos de gênero e para o fortalecimento de uma educação mais inclusiva e humanizadora.

O percurso formativo e prático do professor homem na Educação Infantil revela-se permeado por desafios simbólicos e culturais. Persistem concepções tradicionais que associam o cuidado e a afetividade ao feminino, o que torna o cotidiano docente um espaço de negociação constante de sentidos. Entretanto, a vivência pedagógica relatada demonstra que é possível construir novas formas de presença masculina no contexto escolar, nas quais o afeto, o acolhimento e a ludicidade são reconhecidos como dimensões legítimas do fazer docente. Essa transformação não se dá apenas por meio de discursos, mas pela prática cotidiana, pelos gestos simples que afirmam o compromisso ético com o bem-estar e o desenvolvimento integral das crianças.

Os resultados alcançados com as práticas relatadas reforçam que a presença de homens na Educação Infantil não deve ser vista como exceção, mas como oportunidade de ampliação das experiências infantis e de ruptura com as normas de gênero que ainda



limitam as possibilidades de ser e conviver. Quando meninos e meninas têm como referência um educador homem que cuida, brinca e ensina com sensibilidade, eles passam a compreender que o afeto é uma potência humana, e não um atributo restrito às mulheres. Essa vivência cotidiana amplia o repertório simbólico das crianças e colabora para a formação de sujeitos mais empáticos, respeitosos e conscientes das diferenças.

O relato também evidencia que a transformação das práticas pedagógicas requer um movimento institucional e coletivo. A escola, enquanto espaço de socialização e formação cidadã, precisa promover debates permanentes sobre gênero, diversidade e equidade. Isso implica repensar formações continuadas, projetos pedagógicos e políticas públicas que incentivem a valorização de todos os profissionais da educação, independentemente de seu gênero. Como defende bell hooks (2017), ensinar é um ato político e de amor, e somente por meio de uma educação comprometida com a libertação e com a escuta das diferenças é possível romper com estruturas opressoras e construir um espaço verdadeiramente democrático.

O olhar atento para a prática cotidiana revelou que as crianças são naturalmente abertas à diversidade e que os preconceitos são construções sociais aprendidas. Assim, a presença de professores homens na Educação Infantil contribui não apenas para o desenvolvimento das crianças, mas também para o questionamento das normas de gênero internalizadas pela comunidade escolar. O cotidiano vivido nas turmas do Infantil V mostrou que a convivência afetiva, a brincadeira e o diálogo se constituem como ferramentas potentes para a construção de relações mais justas e igualitárias.

A experiência relatada reforça, portanto, a importância de reconhecer a docência como um campo de transformação social. Ser professor na Educação Infantil significa compreender que ensinar vai muito além da transmissão de conteúdos: é um exercício de presença, sensibilidade e compromisso ético com o outro. A vivência do professor homem, neste contexto, não apenas desafia as fronteiras de gênero, mas amplia o horizonte de possibilidades para uma educação mais plural, na qual o cuidado e o conhecimento se entrelaçam como dimensões inseparáveis do ato de educar.

Por fim, este relato de experiência aponta para a necessidade de que as instituições formadoras e as redes de ensino ampliem o debate sobre as masculinidades e suas implicações na prática educativa. Reconhecer a potência da presença masculina na Educação Infantil não significa negar o protagonismo histórico das mulheres nesse campo, mas somar vozes e práticas na construção de uma escola que acolhe as diferenças e as transforma em potência pedagógica. O desafio que se coloca é o de continuar



produzindo espaços de diálogo e reflexão que fortaleçam uma educação comprometida com a equidade de gênero, com a justiça social e com a valorização da diversidade humana.

Assim, conclui-se que a docência masculina na Educação Infantil, quando fundamentada em práticas reflexivas, afetivas e críticas, contribui significativamente para a formação de sujeitos mais sensíveis, empáticos e conscientes das diferenças. O cotidiano vivido no Infantil V reafirma que é na prática pedagógica — no contato direto com as crianças, nas rodas de conversa, nas brincadeiras e nas pequenas interações diárias — que se constroem as verdadeiras transformações sociais. A presença de um professor homem, portanto, não é apenas um dado numérico no contexto educacional, mas uma oportunidade concreta de reconstruir sentidos, de educar para a igualdade e de ensinar, com amor e coragem, que cuidar e ensinar são atos profundamente humanos.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CONNELL, Raewyn. **Masculinidades**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1988.

KULHMANN JR., Donaldo. **Educação Infantil: fundamentos e práticas**. São Paulo: Cortez, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: problemas e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 1997.

RIBEIRO, Ana Paula. **Formação docente crítica e diversidade de gênero na Educação Infantil**. Salvador: EDUFBA, 2020.

SILVA, Carla. **Práticas pedagógicas inclusivas: docência e diversidade na Educação Infantil**. São Paulo: Paulus, 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/CNE, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC, 2017.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.



